

TAXA PAGA

Joana

J. U. C. F.

Av. Duque de Loulé, 90 r-c  
(rés do chão)

Lisboa

Portugal



# universitas

ÓRGÃO DA J. U. C.

RUA ESPÍRITO SANTO, 95 — CAIXA POSTAL, 630  
PORTO ALEGRE — RIO G. DO SUL — BRASIL

IVO SANGUINETTI  
DIRETOR:

ANO V — N.º 2

\*

SETEMBRO 1953



## Visão Comunitária da Profissão

SUELI FRANCO NETO

### 1. CONCEITUAÇÃO DE CULTURA, CIVILIZAÇÃO E HUMANISMO.

Por cultura entende-se a visão geral e orgânica dos problemas de Deus, do universo e do homem. Cultura no sentido cristão atinge o mais profundo da pessoa humana: não é só formação da inteligência, é ainda educação da sensibilidade e da vontade. Atinge o homem na sua totalidade. A cultura deve proporcionar um equilíbrio harmonioso dos elementos de sua natureza integral. Uma vez adquirida, deve constituir um potencial dinâmico senão terá descambado para a erudição, para o amontoado de conhecimentos sem referência e sem unidade.

A cultura tem assim um sentido evolutivo. Ela compreende, na base, a natureza humana com a totalidade de seus recursos intrínsecos. É ainda o desenvolvimento especial que o próprio trabalho da sua procura imprime a todas as potências intelectuais do homem.

Decorrente ainda de sua característica de potencial dinâmico, a cultura será comunitária na acepção de que deve agir como princípio de aproximação dos homens entre si.

Por civilização entende-se a vitória do homem sobre o mundo exterior, seu domínio sobre a natureza. É a adaptação do homem em seu meio natural, pela luz da inteligência e pelas energias de sua vontade, expressas na organização social.

Por Humanismo entende-se um sentido da cultura e da civilização, baseada num elemento de eternidade — a natureza do homem — e visando um ideal: realizar o homem em toda a plenitude de suas virtualidades interiores e exteriores, desenvolver, progressivamente, sua natureza complexa, na unidade e no equilíbrio.

### 2. UNIVERSIDADE E PROFISSÃO

A Universidade tem seu princípio na universalidade e na unidade. O universitário, como parte integrante da universidade, tem a responsabilidade de zelar pela cultura e difundí-la, constituindo-se um fator de elevamento cultural da comunidade universitária. A Universidade, entretanto, deve fornecer os meios, transmitir conhecimentos exatos sempre relacionados com o ordenado da vida humana. A Universidade deve humanizar. Para isso é necessário que ela deixe de fornecer profissionais que, por carência de formação humana, fiquem exclusivamente absorvidos em sua especialidade, completamente alheios à sociedade que os cerca. A profissão é então encarada como um fim em si mesma e perde sua função comunitária, princípio de união no conjunto de todas as profissões, o qual reside no bem comum, finalidade que todas e cada uma devem visar pela coordenação de seus esforços.

## HUMANISMO

FRANÇOIS CHARMOT.

O Humanismo, proveniente das filosofias pagãs, apresenta-se ainda hoje em dia como incapaz de fundar uma ordem de coisas, onde se trate à pessoa humana como um fim. O Humanismo cristão, pelo contrário, utiliza as culturas somente para obter aqueles fins espirituais que são peculiares de cada ser humano. Não tolera de maneira alguma que se substitua a consciência, a razão, a liberdade pessoal, pela consciência, a razão, a liberdade do Estado ou de uma classe determinada ou de uma coletividade impessoal. A transformação do homem em coisa e de seu trabalho em mera mercadoria, é contrária à sua natureza. Não condena nem o desenvolvimento econômico, nem a prosperidade das nações, já que é, pelo contrário, o estimulante mais eficaz da civilização, mesmo material; antes, estabelece, uma hierarquia de valores, onde se afirma a superioridade da pessoa humana e onde «tudo o mais se encontra a serviço do destino espiritual.» A pessoa vive no temporal, mas, não pertence ao temporal. Portanto, não se pode defini-la como nobre, burguesa, camponesa, proletária, de tal país ou de tal grupo, senão por seus aspectos relativos e contingentes, por sua «envoltura», como nos diz Berdiaeff, «por que, por seu interior, pertence ao mundo supratemporal, ao absoluto, à eternidade.»

### FOTOGRAFANDO

(Continuação)

to é que combate o Pe. Lebrete. Torna-se indispensável o retorno da economia a seu verdadeiro lugar. Deve ser humana, isto é, ter o homem como centro, permitindo-lhe manifestar as suas potencialidades, o seu desenvolvimento material, cultural, moral e espiritual. Por isso mesmo, uma economia humana terá como características ou fundamentos principais: 1.º o respeito à pessoa humana. Não um respeito negativo, que apenas não faça mal aos outros, mas sim, um respeito ativo, positivo, que busque a felicidade alheia com dedicação. Com esta característica fica excuída assim, a solução coletivista para o problema social. 2.º a consecução do bem comum. Não existe a economia para si mesma, mas para o bem da comunidade, bem esse que não se confunde com o de cada indivíduo, mas que é de todos, porque é exatamente uma distribuição tal dos bens materiais e espirituais, que permita deles gozarem e alimentarem os seus anseios de maior felicidade. Em outras palavras, uma economia que permita aos homens crescerem, como diz o Pe. Lebrete, como uma árvore, harmoniosamente.

Em princípios deste mês, esteve entre nós o Pe. L. J. Lebrete, que pronunciou algumas conferências e dirigiu debates em torno do problema da Economia Humana. Autor de vários livros, como sejam p. ex., Découvert du Bien Commun, Mystique de la conquête, Mystique d'un monde nouveau, Guide du Militant, Principes pour l'action, corresponde plenamente à sua projeção e à expectativa com que foi aguardado pelos estudiosos dos problemas sociais da atualidade.

Fundador e dirigente do movimento «Economia e Humanismo», sua vida e suas lutas podem também ser sintetizadas nessas duas palavras, que soam tão estranhas à mentalidade capitalista que impregna todas as camadas sociais dando à nossa estrutura social-econômica um acento único na História, e que se manifesta por um desejo moderado de lucro. Com efeito, a trilogia Mercadoria - Dinheiro - Mercadoria teve os seus termos tragicamente invertidos. Já não se quer o dinheiro para a aquisição de bens indispensáveis à existência, mas quer-se o dinheiro pelo dinheiro. E a trilogia fica assim: Dinheiro - Mercadoria - Dinheiro. E na trama dos interesses egoístas que se forma, deixa de ser o homem o centro da economia, para ser apenas um elemento da produção, com sua situação sujeita às flutuações da oferta e da procura.

Exatamente contra esse estado de coisas e esse espiri-

(Cont. na última coluna)

(Continua na página 3)

# universitas

ÓRGÃO DA J.U.C.

Administração e Redação: Rua Espírito Santo, 95  
Caixa Postal, 630 — Fone 9-1467

PORTO ALEGRE — R. G. DO SUL — BRASIL

Diretor: **Ivo Sanguinetti**  
Gerente: **Rodi Hickel**  
Red. chefe: **Beatriz Picolli**  
Reportagens: **Adib Salomão**  
Redatores: **Alozyio Achutti**  
**Amaro Cavalheiro**  
**Sérgio Grossi**

Contribuição de apôio: Cr\$ 20,00

## AO LEITOR

Neste número de UNIVERSITAS consideramos o problema da cultura em alguns dos múltiplos aspectos pelos quais pode ele ser visto. Essa atitude de um jornal universitário católico encontra seu fundamento na própria razão de ser da Universidade. Existem três forças na Universidade que, se agissem isoladas, trariam a desarmonia e a deformação. Com efeito, para ser autêntica, deve ser a resultante da especialização profissional, da investigação científica e da cultura humanizada. Em outras palavras, ela tem por missão a transmissão, a renovação e a sistematização do saber humano.

Não se diga que damos à cultura um valor absoluto que ela não possui. O século passado foi fecundo em descobrir palavras — como Progresso, Humanidade, Ciência — que pretendiam tudo reduzir a si. Não acrescentamos a elas a — Cultura — considerando-a como um núcleo para onde devem convergir todas as ações individuais e sociais. É verdade que a cultura do espírito é como o distintivo do homem perante a criação; mas, não é menos verdade, que esta criação está na expectativa da manifestação dos filhos de Deus e que somente a alma humana está capacitada para um colóquio amoroso com seu Criador. O homem é o centro e o condutor da homenagem ao Pai; somente por meio dele é que as cousas se explicam e desempenham o papel que a providência lhes destinou.

Atualmente e de um modo geral, o tríplice fundamento da Universidade não encontra apôio nos fatos. Ela está se preocupando apenas com a formação de profissionais — e quando muito, de profissionais competentes. A Faculdade de Filosofia que, na própria legislação, é considerada como o Instituto por excelência de uma Universidade, com sua função eminentemente investigadora e pesquisadora, está, praticamente, destinada apenas a formar professores do grau médio.

Tratamos desse assunto por considerar o problema da Universidade como um dos mais sérios por julgar que ele tem seu fundamento, não em si, mas acima, no problema da cultura e do homem. Uma concepção de Universidade, qualquer que seja, está indissolúvelmente ligada a uma concepção de cultura e do próprio homem.

Nestas páginas serão abordados problemas oriundos das relações mútuas entre as finalidades da Universidade. Os autores dos artigos não têm a pretensão de esgotar os assuntos. São pequenos ensaios de jovens enamorados da Verdade e que ainda acreditam no valor da luta desinteressada por um ideal. O que dá a unidade de pensamento é a visão teocêntrica da vida e do homem e que, por isso mesmo, reagem contra toda teoria mutiladora da natureza humana, apregoada por corifeus de correntes diversas, entre as quais, sobressai nestes dias, a doutrina comunista de alguns irmãos universitários. A eles, que nunca se deram ao trabalho de elaborar um humanismo ou uma

## Alceu Amoroso Lima e Universidade

A convite da Faculdade Mineira de Direito, o prof. Alceu Amoroso Lima, pronunciou aplaudida palestra da qual extraímos alguns textos.

Disse o conferencista que três são as posições dos universitários em face da Universidade: unilateral, marginal e orgânica. **Unilateral** é a posição que vê na Universidade um instrumento para o profissional. "O universitário, neste caso, é um caçador de diplomas. Esta posição não é condenável de todo, apenas incompleta. Tem grande importância aqui entre nós, devido à organização rígida do ensino brasileiro. Já não diríamos o mesmo dos países anglo-saxões, por exemplo, onde o ensino é mais flexível. Aí o que importa não é o diploma, e sim o Instituto do qual veio. **Marginal** é a posição típica daqueles que não querem nada. O que lhes interessa é tão somente o título de doutor. Este vício decorre da grande importância que se dá entre nós ao título de "doutor". Julga-se que o "ser doutor" é o equivalente ao ser "douto", quando isto está longe de ser real. É a manifestação do irracionalismo e burocratismo do pensamento. Degrada-se assim o sentido de Universidade, transformando-a em fornecedora de "títulos ornamentais". A posição **Orgânica** é a verdadeira posição. A Universidade quer dar, simultaneamente, formação profissional e cultural. É digno o universitário querer obter uma profissão. É digno querer legalizá-la através de um diploma e isto deve ser feito para permitir ao universitário viver de sua vocação. Mas não é apenas informação (conhecimentos profissionais) que a Universidade se obriga a proporcionar, é também formação cultural, impregnação na alma, daquilo que é aprendido pela razão. Não é sentir o aprendido. A cultura está além da sensibilidade. É viver o aprendido. Passa-se, assim a um conceito de Universidade: escola de ciência e de sabedoria.

São componentes dessa organicidade: 1. a participação efetiva na vida universitária. É um elemento inicial, preliminar. Ir à Faculdade só para ter presença e poder comparecer aos exames de 1.ª época, não é certo. É necessário participar da vida da Universidade que é um todo, uma globalidade. A Faculdade é a reunião das diversas cátedras; a Universidade, das diversas Faculdades em vida comum. 2. O segundo ele-

mento é mais íntimo, mais particular. É a atitude tão bem expressa pela palavra "coleguismo". O espírito aberto, sincero e desinteressado em particular para com os colegas de turma e de Faculdade, que estão mais próximos e, também, para com os colegas da Universidade. Coleguismo é o espírito de fraternidade que deve existir entre todos os alunos de uma Universidade. 3. Este elemento é o mais importante: aplicação ao estudo. É a concepção central. Em torno disto se desenvolve tudo o mais. O estudo não deve isolar o estudante do meio. A Universidade é um corpo solar, não lunar. Tem luz própria, não deve refletir a luz de outros. É esta a posição certa da Universidade — Sol — centro de um sistema, sem esquecer que os outros sistemas existem, que terão outros sóis, com direito a serem respeitados também.

Acrescenta a seguir: O Universitário deve fazer do estudo a sua razão de ser, e para isto, é necessário que possua: **Inteligência vocacional**. O ser universitário é uma vocação. Nem todo mundo tem uma inteligência universitária. Isto não diminui o valor que o homem tem. Para ser moralmente um grande homem não se exige inteligência vocacional. Não há equação entre formação intelectual e formação moral. A Universidade não dá superioridade, acumula responsabilidades. **Honestidade dos costumes**. Não é possível a uma inteligência vocacional realizar-se, se não viver em um ambiente de honestidade de costumes. Hoje se nota desordem de costumes, devido à maior importância social do estudante. Não é um moralismo estreito que nos leva a dizer isto. É uma questão de autenticidade. **Assiduidade**. Pode-se prescindir desse elemento. Admitimos mesmo que alguém possa fazer seu curso sem nunca assistir às aulas, mas não é normal. Não havendo assiduidade, torna-se inexistente o primeiro elemento que referimos como necessário, para a organicidade da Universidade. **Atenção**. De nada adianta a assiduidade sem a atenção. Que lucraria um aluno que passasse as aulas absorto ou a conversar? Encerrando sua palestra, adianta: O universitário deve, portanto, tomar conhecimento de que a Universidade é uma escola de formação. Consequência dessa proposição é a necessidade da cultura geral. O aluno, na Faculdade, está especializando-se, isto é ótimo, é um imperativo cada vez maior da ciência em nossos dias. Não pode esquecer, porém, que seu estudo especializado está imerso numa coisa mais ampla.

problematização da cultura, talvez por que um e outro não podem sobreviver em um terreno materialista e irracional, como é o palmilhado por eles, escrevemos em especial estas linhas, portadoras da mensagem de um humanismo cristão que, como disse Claudel, convida a todas as criaturas a proclamar a sua impotência para existirem por si mesmas e a sua vocação a estarem presentes em tal ou qual papel, a substituir, a representar ao Ser Absoluto no domínio do particular e ao Eterno no domínio do passageiro.

A DIREÇÃO.

**EDUARDO DE ROSE**

ALFAIATE

ANDRADAS, 1745 — FONE: 9-1266

PORTO ALEGRE

# A Mulher Universitária

Nossa época se caracteriza por uma profunda inversão de valores; está hoje em voga, para um grande número, a moral do útil. A felicidade se confunde com o prazer, daí a busca do que dá maiores vantagens materiais e a corrida desenfreada aos prazeres, mesmo ilícidos.

Cristo já nos traçou a hierarquia de valores, quando disse: «Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e tudo mais vos será dado por acréscimo».

A inversão de valores gera a inquietação e a angústia no coração do homem, porque a serenidade e a paz existem onde há ordem. E há ordem, quando cada coisa está no seu lugar devido.

O Gênesis nos narra que Deus, ao criar o homem, lhe disse: «façamo-lo à nossa imagem e semelhança». Sabemos que a vida de Deus Trino é vida de conhecimento e vida de amor. De modo que Deus trouxe o homem ao mundo em uma dupla errante: os dois sexos, para que representassem — sua vida de conhecimento, o homem; sua vida de amor, a mulher.

E também o Gênesis nos diz que a mulher se deve dedicar à geração e ao aperfeiçoamento das pessoas. A mulher foi feita, pois, para amar; para, aproximando-se das pessoas, por amor aperfeiçoá-las.

Não estará isso em contradição com a condição de universitária, que supõe dedicação a uma carreira? Não cabe isto ao homem, segundo os planos divinos?

Ieda Friedrich Santafé

E' evidente, desde que, como mulheres, não podemos dedicar-nos ao trabalho das cousas como fim em si. Porém, nada obsta que o façamos como meio. Daí que nunca, nem por exceção, podemos pospor nossa vocação feminina à nossa carreira, pois esta é um meio de chegar às pessoas, não um fim em si. Só o homem poderá ser o químico, o físico, ou o matemático que não busque senão a lei. Não podemos ser a engenheira, a advogada, ou a médica, que viva interessando-se exclusivamente por sua profissão.

Como mulheres nessas profissões, não podemos realizar tôdas essas cousas senão em vista de um fim humano. Fazer de outro modo, seria crer que a mulher universitária pode deixar de lado sua vocação feminina para assimilar-se à tarefa do homem, e ir nada menos que contra a natureza imposta por Deus.

Se à mulher, por ser mulher, cabe um papel relevante na sociedade, como plasmadora de homens, muito mais grave é a responsabilidade da mulher universitária, isto é, daquela que conseguir adquirir uma cultura superior. A sociedade exige dela muito, e com pleno direito. Deve, porém, a universitária corresponder a esse apelo, dando sua colaboração FEMININA, isto é, dando o saber com amor, sendo uma chama que aquece e não que destrói.

## VISÃO COMUNITÁRIA DA PROFISSÃO

(Conclusão da página 1)

### 3. RELAÇÃO ENTRE PROFISSÃO E HUMANISMO

Tôda atividade da pessoa humana como tal, em busca do aperfeiçoamento, apresenta uma tripla direção: para o Bem, para a Belo, para a Verdade. Ora, o agir na realidade desemboca (considerando este agir de uma maneira ideal) nas três direções acima. As profissões proporcionam meios para que estas três metas sejam melhor atingidas. Facilmente conclue-se sobre a finalidade da profissão: proporcionar meios à comunidade para melhor dirigir-se na procura do Belo, do Bom e do Verdadeiro. A profissão, pois, deve constituir-se um fator de transmissão da cultura através de seu exercício, agindo assim como elemento difusor e, note-se bem, orientador cultural da comunidade. Tudo isso, porém, só será conseguido com a formação de profissionais realmente conscientes de sua função como tal. Donde a necessidade que tem o profissional de tomar consciência do lugar de sua profissão no conjunto das funções, a serviço do bem comum. Não é perfeito o profissional que possui o conhecimento teórico-prático de seu ramo, se carece dos dotes intelectuais e morais que constituem o marco de cultura: discrição, bondade e fineza de espírito, comuns a todo homem perfeito. Porque estas qualidades são as que retamente aplicam e dirigem para seu próprio objeto as qualidades especificamente profissionais, exercitando-as não só segundo as normas teóricas peculiares, como segundo as eventuais exigências do espírito. Exigências estas que só o homem perfeitamente formado em humanidade percebe e cumpre, porque só ele possui ilustração mental para percebê-las e virtude para cumpri-las.

Donde: especialistas puros, sem formação geral, intelectual e moral, são detestáveis profissionais e mais detestáveis cidadãos, porque são médicos, engenheiros, políticos, etc., sem serem homens; e só a perfeita humanidade pode usar retamente da medicina, da engenharia e da política.

### 4. RESSONÂNCIAS NA VIDA DOS POVOS

A pesquisa dirigida para o Belo, para o Bem e para a Verdade tem sentido universal. Existe um trabalho, uma missão a efetuar em comum: a humanização e a pacificação da sociedade internacional, tendo com base duas grandes virtudes cristãs: o amor e a justiça. O intelectual poderá efetuar essa missão no engajamento consciente da atividade profissional. O primeiro passo é estar imerso no meio nacional que



## DEZ P'RAS OITO

ZEFERINO FAGUNDES

Eu conheço um relógio,  
No alto de uma torre,  
que marca eternamente dez p'ras oito...  
Quando o dia nasce,  
São dez p'ras oito...  
E quando morre o dia...  
São dez p'ras oito...

Mas o relógio,  
Que marca sempre dez p'ras oito,  
por que é que marca sempre dez p'ras oito?...  
Também podia marcar  
Oito p'ras dez,  
Ou dez e oito,  
Ou oito e dez...  
Não sei porque!...

E' muito parecido êsse relógio  
Com algo que há em nós...  
Um ponteiro de mágoa e de saudade  
Que marca sempre a mesma hora  
da nossa Vida...  
Um ponteiro que marca  
Uma hora sentida,  
Enquanto os outros ponteiros  
Giram,  
Giram,  
E vão marcando  
Tôdas as horas  
Sem distinção...

## Tipografia do Centro S/A.

ARTES GRÁFICAS  
LIVRARIA  
EDITORA  
EMPRESA JORNALÍSTICA

ARTES GRÁFICAS  
Impressos Comerciais, Simples e a Cores — Impres-  
são de livros e revistas — Confecção de livros  
em branco.

LIVRARIA  
Papeleria — Livros em branco — Material de es-  
critório — Secção especializada: livros de  
Economia e Finanças.

EDITORA de livros e revistas.

EMPRESA JORNALÍSTICA  
Proprietária e Editora do jornal "A Nação".  
Rua Dr. Flores, 108 — Fones: 8250 - 6241 - 7516  
Caixa Postal, 1080 — End. Telegr.: "Nação"  
Pôrto Alegre

nos deve formar. Mas, nosso espírito deve preparar-se para emergir dêsse meio de fecundidade primeira, a fim de produzir obras melhores que as do passado. Somos engendrados pelo cultura e devemos ser criadores da civilização progressiva. A civilização está sempre em marcha segundo a engenhosa invenção do gênero humano. A Pátria cria seus filhos; êstes, por sua vez, plasmam o mundo. A história nós mesmos a fazemos e somos responsáveis por aquilo que ela levar às gerações futuras.

# INTEGRAÇÃO FILOSÓFICA E TEOLÓGICA DA CULTURA

A fase fundamental do processo evolutivo da vocação opera-se na UNIVERSIDADE, instituição apostolar e protetora da CULTURA, voltada à investigação, ao ensino da ciência, sendo timoneiro seguro da valorização do homem pela atualidade de suas virtualidades realizadoras, no sentido de uma síntese psíquica perfeita e de um ordenamento superior da VIDA.

No vasto campo do estudo orientado, de técnica especializada, o homem deve haurir sempre mais luzes, alargar as fronteiras da instrução, burilar o monumento monolítico de uma formação integral, prescutando algo, dentro da carreira eleita, que transcenda os simples fenômenos da ciência, vista como técnica, no que, meramente, existe de positivo, enfiado nos círculos restritos das leis físicas, jurídicas, matemáticas ou biológicas, seguindo a linha ascensional da inteligência, numa dignificação da profissão pelo esforço, pela pesquisa e pela elevação.

Entretanto, nem sempre isso acontece. Dai o sentido do tema proposto, em que se equaciona o problema quase desalentador da classe universitária, frente à CULTURA e cuja solução, marcada e peremptoriamente, se impõe na vida pública profissional.

Tamano é o mérito da matéria que, pode-se afirmar, a conturbação de nossa época radica, nas suas causas mais profundas, antes de tudo, no DESNORTEAMENTO CULTURAL da HUMANIDADE, no desprezo cruel que as gerações modernas vêm opondo à VERDADE — único repouso da inteligência.

Realmente, o embrião renascentista é a multiplicidade de correntes negativas dos esplendores eternos dos princípios metafísicos, dos séculos subsequentes à Média, pregando uma Educação Científica e uma Filosofia Utilitarista, servidos pelo progresso técnico afastado dos seus legítimos fins, geraram a MENTALIDADE MODERNA — que se despreocupa com as questões transcendentais de Deus e do espírito imortal, conduzindo tudo a um Agnosticismo mordaz e homicida da própria dignidade humana.

A Pessoa, por seu característico de racionalidade, face ao problema da cultura, bem como da ciência e fé, da moral, de Deus, tem, indiscutivelmente, que estabelecer a sua posição, através de uma análise de profundidade e não só captando, simplesmente, os fatos e investigando os fenômenos em si. Dessarte, o conceito que, confundindo as condições de cultura com ela mesma, não penetra até às raízes de nosso ser, é impotente dar à vida significação e conteúdo.

Para isso, faz-se mistér, uma compreensão do homem e de uma destinação, processando a uma revisão dos atributos de que é portador por

José Néri da Silveira

infinita liberalidade divina, por que o sentido da cultura se subordina sempre à concepção do homem e de suas relações com o mundo e com Deus.

Já, incisivamente, alguém inquiriu: «Que adianta viver, quando se desconhece a finalidade do ser humano?»

Cumpre acentuar, ainda, que conheçamos nossa pequenez, não querendo, pela elevação gradativa da cultura, outorgar valor indefectível ao trabalho de nossa inteligência, poi isto representaria uma tentativa paradoxal de obsolescência do relativo. Consoante admoesta Alceu Amoroso Lima, «é equivoco, o conceito de cultura, significando, acima de tudo, a autonomia do espírito humano e sua libertação a todos os laços exteriores a si mesmo». A cultura é, no dizer do eminente professor Delos, «o resultado para o qual convergem todas as aquisições do espírito humano». Mas, não só. Num sentido cristão e humanista, (de vez que aquela é um dos aspectos do humanismo), conforme Daman, «a cultura é uma formação da inteligência, que não exclui a da sensibilidade e a da vontade — exigida por todos aqueles que faz do Evangelho uma regra de vida e, sinceramente, busca neste mundo o reino de Deus». Ou ainda, como ensina Denis, «é o desenvolvimento harmônico e hierárquico do homem em seus diversos epetos, sob a hegemonia de sua vida específica espiritual, em seu próprio ser e nas coisas que o circundam.»

Para que esses conceitos se efetuem, plenamente, produzindo frutos superiores de vida, é necessária que a pesquisa feita por nossa inteligência, ao longo da ilustração obtida nas aulas, conferências, leituras e em reflexões, que constituem expressões e criações integrantes da mesma cultura, receba uma orientação de penetração e profundidade. E, numa ação consciente e construtiva, numa atitude pesquisadora, perante os variados temas que houver por bem eleger, não desvinculando jamais a linha cultural da visão comunitária da profissão, atendendo, constantemente, a que o verdadeiro conhecimento é alcançado através de suas causas — que o homem opera a INTEGRAÇÃO DE SUA CULTURA NO PLANO UNIVERSAL DA FILOSOFIA, ciência racional, tendo por objeto os seres considerados nos seus princípios e relações mais gerais. No entendimento das realizações superiores, descobrindo as leis supremas, as primeiras causas e os fins últimos, marca a origem dos conhecimentos do próprio mundo, explica o destino do homem e da humanidade, relacionando tudo ao eterno. Ademais, «vão sendo a ciência que não leva a

Deus», resulta que a escalada encetada pela introdução da filosofia no campo amplíssimo do saber não se sustém aí, culminando indubitavelmente na razão primeira, no Absoluto, através da Teologia, a qual é, por este motivo, a cúpula magnífica que arredonda em

plenitude o grande edifício da cultura humana. Só com tais recursos será viável a existência de um timão consistente e retíneo à inteligência e um norte seguro nos realizações do homem, então guarda de uma cultura integral e impecável.

Seja, por conseguinte, o labor de todos nós, coordenado em ordem a fazer chegar ao espírito, no mesmo grau da floração das ciências profanas, os ensinamentos da FILOSOFIA PERENE.

## MANDAMENTOS IGNORADOS

ARTHUR SALDANHA  
Faculdade de Filosofia  
da URS.

“Não sei os Dez Mandamentos” — foi a triste confissão daquele homem de cultura universitária. E ele, que trazia no rosto a marca de longas e exaustivas leituras, que se embriagara em Kant e se deleitara em Bergson, de Deus não conhecia sequer os Dez Mandamentos. E se dizia cristão e perencia a uma civilização dita cristã. A essa falsa cristandade de nosso mundo ocidental que, servil a um liberalismo corruptor, faz da Religião não mais o caminho que levará ao Pai, mas um instrumento apenas para a satisfação de seus interesses e fins terrenos.

“Não sei os Dez Mandamentos!” E em sua alma havia uma angustiante sensação de vazio e inutilidade. E o que mais apavorava, confessou, era a idéia da morte, pela dúvida do que viria depois, pela lembrança de que tudo findaria com o derradeiro suspiro.

— Este é, infelizmente, não só o mal daquele homem, mas o mal de nosso mundo moderno, o mal do século: — a descrença em Deus. O ateu post-cristão esqueceu qual o motivo de sua vida. Já não sabe nem por que veio, nem para onde vai — e aonde o levará em verdade a incongruência e a concupiscência em que se encafurdou? Está pois cego à visão triste e severa do Senhor e surdo à sua Voz, que tem vindo através dos séculos, exclamando: “Quo vadis?”

E' lamentável o homem moderno. O racional que, em nome de um racionalismo ridículo e insensato, se irracionalizou. Que voltou as costas ao Criador e pretendeu desacreditar Seus Milagres e Sua Lei num cientificismo de primários. Fariseu e escriba de um mundo sem Deus!

E por que? Por que se afastou ele da única Verdade?

“O ateu moderno — respon-

de-nos Fulton J. Sheen — não descre por causa de seu intelecto, mas por causa de sua vontade. Não é o conhecimento que o torna um ateu, mas a perversidade. A negação de Deus brota de um desejo do homem de não ter um Deus — da sua vontade de que não haja Justiça por trás do universo, de modo que suas injustiças não receiem retribuição; de seu desejo de que não haja Lei, de modo que não possa ser julgado por ela; do seu querer que não haja Bondade Absoluta, para que ele possa continuar pecando com impunidade”.

Triste situação a que chegaste, ó homem moderno. Tu, que matas o teu irmão para roubar-lhe a terra, a casa e o pão, e que te suicidas no louco afã de juntar riquezas, ai de ti, que deniro em breve não mais existirás, e teu esqueleto apodrecido será lançado nas trevas da morte eterna!

— Mas... mas ainda está em tempo, para que voltes ao rebanho do Bom Pastor. Ainda está aberto o caminho do Senhor. Toma-o, e segue por ele até a Eternidade. E com a mesma força e a mesma vontade com que percorrestes as estradas do mal, volta-te agora à senda do Bem. Sem ilusões e falsas crenças, pois estreito e escarpado é o caminho da Verdade, mas deve ser trilhado com a mais profunda das fés e o desejo mais ardente de purgar a alma dos tiranos que a tem dominado. Volta-te pois, que a hora é chegada. Aproveita assim esse sentimento de espera, esse messianismo surgido da paz que não veio, e que é uma luz a brilhar na escuridão imensa de uma terra sem Cristo!

(Citação:  
Mons. Fulton J. Sheen: “Augusta e Paz”;  
Liv. Agir Ed., Rio, 2.ª ed., 1950;  
pg. 244.)

# JORNAL DO DIA

★ ★ ★

— O MATUTINO DA FAMÍLIA BRASILEIRA —

# UM DIA EM COIMBRA

**Aspectos da multiseccular Universidade — A velha Sé e outros repositórios históricos — «Portugal dos pequeninos»: um punhado de tradição e História feito em miniatura — Confraternização entre acadêmicos gaúchos e coimbrões.**

**HELIO NUNES WAGNER**

Membro da Caravana dos Engenheiros de P. Alegre à Europa em 1953.

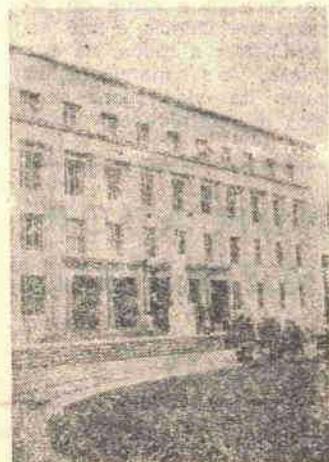
Estamos agora em Coimbra, a bela e tradicional cidade portuguesa, teatro de tantos acontecimentos históricos, bérço de grandes notabilidades e sitio de uma das mais célebres e antigas universidades européias. E, pouco a pouco, nossa curiosidade vai sendo satisfeita e seu passado glorioso, sua arte, suas tradições, sua vida, revela-se em toda sua plenitude. Surge-nos, primeiramente, a estátua de Joaquim António de

A seguir, percorrendo-se a parte baixa, outros templos, como S. Domingos, S. Tomás, S. Pedro, Graça, além de inúmeros monumentos, surgem diante dos nossos olhos, num deslumbramento.

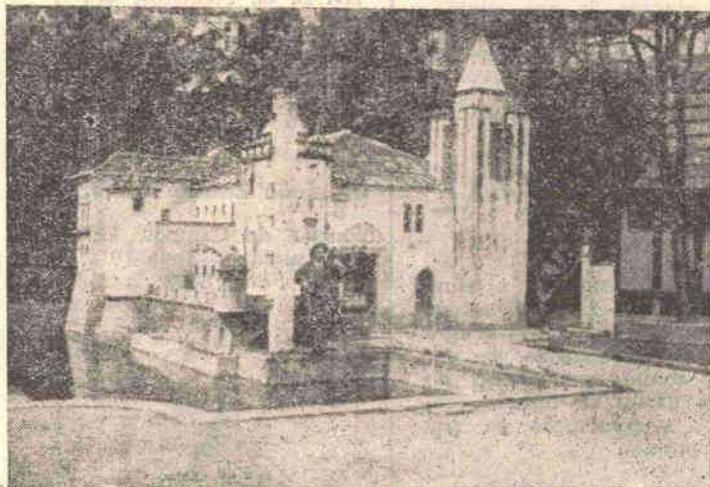
Vai-se, enfim, terminar às margens de Mondengo, e, já da ponte, tem-se logo uma visão das ruínas de Santa Clara, a velha.

Nas suas proximidades, emergindo do meio de tantos repositórios históricos, vamos encontrar o tão falado Portugal dos Pequeninos.

Trata-se de uma originalíssima creche, mantida pelo Governo, em cujos jardins achase uma série de miniaturas de casas tradicionais das provincias portuguesas e colônias de além mar. É um verdadeiro encanto. Pode-se entrar dentro das casinhas, não sem alguma dificuldade, é claro, pois na escala levouse em conta apenas a estatura de uma criança. Estivemos em várias delas, inclusive na miniatura da própria Universidade de Coim-



A Faculdade de Letras está localizada na parte nova da Universidade.



O autor destas linhas, na Ilha da Madeira (Portugal dos Pequeninos). Observe-se a altura do prédio em relação à estatura adulta (1,70 m).

Aguiar, o notável estadista português que tão preponderante papel desempenhou na política de seu país.

Depois, entrando pela artéria principal, onde se acha concentrado o alto comércio coimbrão, chega-se à Igreja de Santa Cruz. É no seu interior que vamos encontrar os túmulos de d. Afonso Henriques e d. Sancho I, e o famoso púlpito de João de Ruão, além de outras preciosidades artísticas.

bra. Tanto ai, como na parte dedicada às colônias, vamos encontrar pequenos museus, coisas típicas, quadros, mapas e uma série de objetos, para que a criança seja educada brincando.

Passamos agora à parte alta da cidade.

Nota-se imediatamente, que ela é mais pródiga em obras de arte. Assim, vamos encontrar entre outras coisas, a Velha Sé, o mais belo monumento românico do país. E,

coroando o outeiro, surge a tradicional Universidade de Coimbra.

Transpostas suas portas seculares, chega-se ao pátio, de onde se avista o velho edificio com sua torre característica.



Na Via Latina da Universidade de Coimbra, estudantes gaúchos e coimbrões se cumprimentam calorosamente. Um abraço que se estende das margens do Mondego ao Guaíba...

Recebidos pela direção da Universidade, passamos a visitar as suas dependências históricas. Merece ser destacada, entre o que vimos então, a capela de interior alegre e grandioso, obra do arquiteto Pero Anes, concluída no tempo de D. João III. Igualmente, em ordem de importância, vem a Biblioteca, em cujas estantes ricamente pintadas e

tar a parte nova, ora em construção. Já há alguns edificios prontos, destacando-se entre eles o da Faculdade de Letras, onde termina nossa visita.

A Universidade amplia, assim, suas instalações, para melhor cumprir sua missão de ministrar ensino a todos os que a ela acorrem em busca de saber.



A façanha de Cabral é lembrada neste monumento, em «Portugal dos Pequeninos» (Pavilhão do Brasil).

douradas, encontram-se verdadeiras preciosidades. As pinturas a fresco dos tetos acusam o gosto da época, notando-se a exuberância de figuras e excesso de ornatos.

Mas o que mais torna notável esta biblioteca são os exemplares que possui. Foram-nos mostradas Bíblias impressas em 1462, seu original em hebraico, manuscrito em pergaminho, os Lusíadas e um grande número de raridades.

Há mais de 40.000 volumes contidos nas estantes e, em depósitos, outros tantos. E, por toda parte, emprestando uma tonalidade alegre ao ambiente, viam-se os estudantes com suas vestimentas características e suas capas com as cores relativas a cada faculdade.

Saimos dali empregados de História e tradições para visi-



## PARA OS ATEUS

PASCAL - PENSAMENTOS

Saibam, ao menos, que religião combatem, antes de combatê-la. Se essa religião se gabasse de ter uma visão clara de Deus e de possuí-lo com clareza e sem véu, seria combatê-la dizer que não se vê nada, no mundo, que a mostre com tal evidência. Mas como afirma, ao contrário, que os homens se acham nas trevas e afastados de Deus, que se oculta ao seu conhecimento, sendo mesmo esse — Deus absconditus — o nome com que se apresenta nas Escrituras, em suma, se trabalha igualmente para estabelecer duas coisas: que Deus estabeleceu na Igreja marcas sensíveis para ser reconhecido pelos que o procurarem sinceramente, e que, no entanto, as cobriu de tal forma que só será percebido pelos que o procurarem de todo o coração — que proveito podem eles tirar, quando, na negligência em que fazem profissão de estar procurando a verdade, exclamam não haver nada que a mostre, de vez que essa obscuridade em que se encontram e que objetam à Igreja, não faz senão estabelecer uma das coisas que ela sustenta, sem tocar na outra, estabelecendo assim a sua doutrina, em lugar de arruiná-la?

\*\*\*

Mas, na verdade, não posso deixar de lhes dizer o que freqüentemente tenho dito: que essa negligência é inadmissível. Não se trata, no caso, do irrefletido interesse de um estranho, para assim proceder: trata-se de nós próprios e do nosso todo.

A imortalidade da alma é uma coisa que nos preocupa tanto, que tão profundamente nos toca, que é preciso ter perdido todo sentimento para permanecer indiferente diante dela. Todos os nossos pensamentos e ações devem tomar caminhos tão diferentes, conforme se esperem ou não os bens eternos, que é impossível fazer uma pesquisa sensata e criteriosa sem ter em vista esse ponto que deve ser o nosso último objeto.

# Função Social e Cultural do Arquiteto Moderno

IVO SANGUINETTI

Desde a mais remota antiguidade, o arquiteto vem desempenhando um papel preponderado no desenvolvimento da sociedade. No desempenho de sua importante tarefa, vem ele contribuindo de maneira relevante em todas as manifestações da cultura e do progresso, numa busca incessante ao bem-estar comum.

Se a sua missão específica é a de construir para o homem — seja o local de trabalho, o lar, o refúgio para os momentos de lazer — sua missão como ser social tem importância ainda maior, posto que ele é chamado a resolver problemas que interessam a toda uma coletividade.

A «arquitetura é o espelho dos tempos», como definiu Le Corbusier; por isso, com justa razão, o arquiteto deverá ser sempre um fiel intérprete do momento em que vive a sociedade.

Sua função deverá ser, pois, refletir os anseios da geração presente, das suas necessidades, das suas esperanças, levando em conta fatores de ordem econômica, social, política etc. Mais do que simples arquitetura de efeito fachadista, de floreios inúteis, deverá o arquiteto retratar a atualidade, mais dinâmica e mais sóbria, sem as complicações decorativas do passado.

O seu papel na sociedade — desde que lhe couber a tarefa de bem construir para abrigar ao próprio homem — é, pois, de significativa importância. Sua capacidade interpretativa e criadora se reletirá forçosamente no meio em que vive.

Cabe ao arquiteto, portanto, uma missão deveras espinho-

sa, e de ilimitada responsabilidade. Missão que nunca será de construir, apenas por construir, mas, antes de tudo, de bem construir, de bem orientar, de bem educar.

Construir com arte e ciência, para servir ao próprio homem. Orientar e educar, despertando nos indivíduos a preocupação pelo indispensável, por ambientes mais adequados ao desenvolvimento de sua personalidade, onde possam dar expressão às suas inclinações e tendências pessoais, sem limitações ou restrições às necessidades básicas humanas, que deverão estar acima de interesses econômicos e políticos.

Construir com uma determinada finalidade, de alcance social, na certeza de estar cumprindo um dever indeclinável.

Dai porque se exige do arquiteto moderno, a par dos conhecimentos científicos básicos e indispensáveis, um bom cabedal de conhecimentos humanísticos, de arte e de cultura.

Conhecimentos que ele aplicará com maior ou menor intensidade na trato com seus semelhantes, sondando-lhes os desejos, as aspirações, seu «modus vivendi», para transformar, mais tarde, em pedra e concreto, os sonhos de um lar acolhedor, na companhia dos entes queridos.

Cultura e arte que ele transmitirá a cada passo, nas expressões de sua obra e nas manifestações de seu gênio.

Ensinando o povo. Fazendo que ele sinta suas necessidades.

Resolvendo seus problemas de moradia.

Propiciando maior conforto.

Permitindo melhores condições de higiene.

Prevendo necessidades futuras.

E assim, por todos os cantos, desde os humildes lares operários às opulentas residências senhoriais, a ação evangelizadora do arquiteto deve se fazer sentir; ação que é progresso e é idealismo. Idealismo que é cultura e é civilização.

Na planificação e remodelação das cidades, no lar em que moramos, nos túmulos onde repousam os mortos que nossos pais veneram, enfim, em toda a parte, lá está o braço decisivo e firme do arquiteto, sua ciência e sua arte, a mostrar a todos, na sua singeleza, as manifestações mesmas da vida, com seus anseios de eternidade.

## INDICADOR PROFISSIONAL



ADVOGADOS

Dr. Ruy Rodrigo  
Azambuja

Av. B. de Medeiros, 410  
4.º andar — Sala 425  
Ed. SULACAP  
Das 9 às 11, e das  
14 às 18 hs.

Dr. João Emílio Müller

Siqueira de Campos, 1170  
1.º andar — Sala 10  
Fone: 8603



DENTISTAS

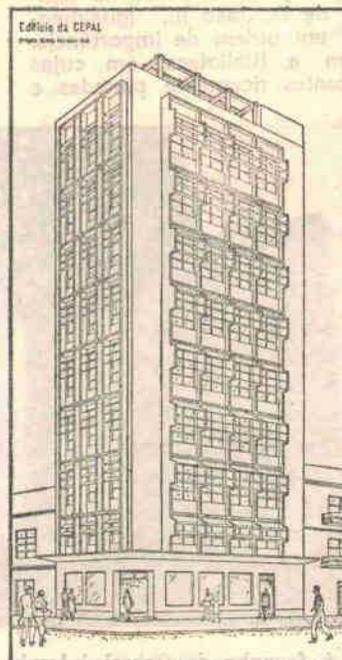
Dr. Adolfo Valduga

Vig. José Inácio, 311  
4.º andar  
(esq. Av. Otávio Rocha)  
Fone: 7410

Dr. Arno Müller

Dentaduras Swenson  
ultra modernas  
Av. Borges, 410  
4.º andar — Sala 415  
Ed. SULACAP

## A NOVA SEDE DA CEPAL



Está de parabens a atual diretoria da Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre com a concretização de um velho sonho, que dentro de breves meses se tornará realidade: a construção de sua sede própria.

Localizado próximo à zona universitária (Av. 3 de Novembro), o majestoso prédio da CEPAL, como vemos no clichê ao lado, será construído dentro dos princípios que regem a arquitetura contemporânea brasileira, contribuindo assim, decisivamente, para o embelezamento da metrópole gaúcha.

O concurso de projetos, realizado em fins do ano passado, foi vencido pelo jovem acadêmico Areny Vernieri Vaz, formando da Faculdade de Arquitetura, e a sua construção, também por concurso, foi confiada à firma Feijó Gomes & Lonzetti Ltda.

# XVI CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES

Com a palavra o universitário João Baptista Aguiar, ex-Presidente da Federação dos DD. AA. das Faculdades Católicas do Brasil; grande êxito da III Assembléia Nacional dessa organização.

Tendo sido realizada a III Assembléia Nacional da Federação dos DD. AA. das Faculdades Católicas do Brasil, na cidade de Goiânia, em julho p. p., procuramos ouvir a palavra do acadêmico João Baptista Aguiar que nessa ocasião exgotou o seu mandato na Presidência da mesma entidade nacional.

Ao ser interpelado pela reportagem de UNIVERSITAS e colocado a par das nossas intenções, declarou-nos inicialmente o citado universitário:

«Agradecemos a atenção que UNIVERSITAS tem para com a Federação. Entidade jovem tem apenas dois anos de existência - luta ela com inúmeras dificuldades oriundas de tal situação, e somente com o apóio e a compreensão dos órgãos de imprensa universitária é que poderá chegar a seu pleno desenvolvimento.»

Inquirido sobre a III Assembléia Nacional e as suas conclusões, disse-nos:

«Não podia ser melhor o resultado obtido. Em um ambiente que primou pela fraternidade, franqueza e lealdade de seus debates, chegaram-se a resoluções eminentemente práticas que pretendem dar um roteiro seguro à Federação, bem como a verdadeiras tomadas de posição frente a certos problemas nacionais, como, p. ex., a referente à condenação da imprensa bastarda e desonesta, à desaprovação da imprensa intrinsecamente nociva à juventude, ao repúdio a certos programas de rádio de orientação naturalista. São dignas de nota as longas discussões sobre o problema da imigração, o abandono da região nordestina e a exploração do petróleo nacional.»

## Reportagem de OTAVIANO DE ALMEIDA

O nosso entrevistado havendo feito referência a conclusões práticas, perguntamos-lhe a que ponto se referiam.

«Consideramos de um modo objetivo o problema financeiro da Federação, o entrosamento entre os corpos docente e discente, a maior amplitude das cooperativas estudantis, a escôlha e a permanência de professores que se limitam a dar uma formação técnica, a fundação de Cursos Superiores de Religião com vistas para as futuras Faculdades de Teologia, a moralização dos atuais exames de sanidade física e mental, a isenção de impostos na importação de livros didáticos, as relações das diversas Faculdades com as Entidades Mantedoras terminando por optar pela tese da plena autonomia universitária, maior contato com a Associação Brasileira das Escolas Superiores Católicas, etc. Uma das mesas-redondas, examinando o problema da «cola», concluiu que a causa do mesmo, encarado em sua manifestação exterior, radica, principalmente, no modo como são expostos os programas e verificado o aproveitamento, nas circunstâncias atuais. Retornou, pois, a III Assembléia que os DD. AA. insistam junto à Direção das Faculdades e aos professores, a fim de que sejam as matérias prelecionadas e realizados os exames de tal maneira, que não seja o fator memória, o predominante na apreciação do aproveitamento do aluno; que, a par disso, atuem os

DD. AA. enérgicamente, junto às Direções e aos Professores, visando coibir os abusos decorrentes da negligência e conivência aberta de muitos professores para com os processos fraudulentos usados pelos alunos. Ressaltamos que não foram obtidas, em todos os problemas debatidos, conclusões, teóricas, apenas de orientação, mas sim, resoluções que levam diretamente à ação.»

Sabedores que havia concluído seu mandato perguntamos ao entrevistado sobre seu sucessor. Respondeu-nos:

«Foi eleito Presidente da Federação, por unanimidade, o colega Wilson Chaves, da Faculdade Mineira de Direito, que, por sua capacidade de trabalho e idealismo mostrou-se perfeitamente digno da confiança que lhe foi depositada. Além de suas capacidades pessoais, é bastante experiente nos assuntos da nossa entidade, visto ser um de seus fundadores, tendo exercido, em nossa gestão, o cargo de Presidente do Conselho Nacional. Para substituí-lo neste último cargo, foi eleito o colega Paulo Marroni Silveira, da Faculdade de Filosofia da PUICRGS.»

Concluindo suas declarações, disse-nos o acadêmico João Baptista Aguiar:

«Julgamos que os estudantes das Faculdades Católicas, estruturados na Federação, encontraram o seu caminho na luta pelo ideal que informa as instituições universitárias católicas de nosso Brasil. Mostrando que sabem trabalhar com desinteresse e idealismo, estão colhendo já os primeiros frutos de seus sacrifícios.»

dos expõe-nos, mais do que ninguém, à hipertrofia da qual falamos e a tôdas as suas conseqüências. A divisão do trabalho acarreta os mesmos inconvenientes espirituais na ciência como em qualquer outro lugar. Ela tende a aproximar, mais do que o necessário, a psicologia dos cientistas que não vêm mais do que a sua ciência, da psicologia dos operários que não vêm mais do que seu trabalho. Aquêles, como êstes, correm o risco certo de desenvolver em si a perfeição dos meios em detrimento da perfeição do homem, e de perder em compreensão universal o que ganham em competência especializada. Isolado em seu canto, são vistos, muitas vezes, desinteressarem-se de tudo aquilo que não fôr o seu trabalho, não somente de toda cultura estranha a científica, como também da própria cultura científica na medida em que ela os faz interessarem-se por ciências que não a sua, mesmo que sejam elas muito vizinhas.

O matemático sente-se vaidoso por ignorar a Literatura e as Artes; um físico faz o mesmo em relação às ciências morais; um historiador da guerra dos Trinta Anos ignorará a história antiga e a história moderna. Um passo mais, e um cientista, para quem a pesquisa científica é tudo, abandona aos outros a verdade que descobre, imitando nisso o caçador que ama apaixonadamente a caça, mas, não toca na presa morta, ou mais simplesmente, o operário que produz, mas não consome os seus produtos. Como se a vocação primeira da inteligência não fosse alcançar as verdades e delas alimentar-se. Enfim, ainda à semelhança dos operários tão naturalmente apaixonados por seus trabalhos, os especialistas caem facilmente na ingenuidade de crer que sua ciência é, com toda evidência, a mais importante, senão a primeira de tôdas as ciências. A menos que, por cortesia, êles dêem, a tôdas a mesma dignidade, provando com isso ainda, que não sabem apreciar com exatidão o valor de nenhuma.

Um sentimento vivo e justo da hierarquia natural das ciências, fornecerá sempre remédio a êstes inconvenientes. Ele disporá o gosto por tôdas as ciências, fará com que se dê a cada uma o seu verdadeiro valor, o qual somente, pode determinar o lugar assinalado por cada uma, em uma boa classificação.

## Cultura do Espírito e Especialização

O ideal espiritual da perfeição humana compreende o da perfeição do espírito humano, bem como o da perfeição da vontade e dos sentimentos humanos. Por outro lado, na perfeição do espírito a cultura científica tem a sua posição (nada mais que sua posição, a qual não iremos determinar aqui), ao lado da cultura filosófica, da cultura literária, da cultura artística, etc. Ora, essa mesma cultura científica não se realizará em conformidade com seu próprio ideal se não forem determinados, para cada ciência, o lugar e o papel que lhe convém na verdadeira hierarquia das ciências.

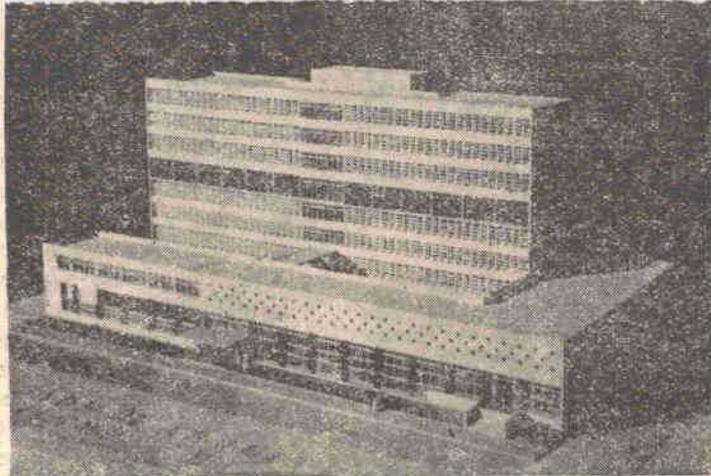
De cada uma delas, com efeito, pode-se dizer que seu valor subjetivo, como meio de

### E. BAUDIN "Introduction générale a la philosophie"

aperfeiçoamento do espírito humano, está em função de seu valor objetivo como representação do universo. Dito de outro modo, para chegar-se à cultura científica plena, seria errado supor que basta saber cientificamente não importa o que, nem em que ordem. É necessário saber de tudo e segundo a verdadeira ordem. De um modo geral, nem tôdas as verdades aperfeiçoam igualmente a inteligência; cada uma pode fazê-lo somente segundo sua posição e importância relativa. Assim também as ciências: seu valor educativo não

poderá ser maior que sua importância intrínseca. Há, pois, necessidade de conservar a cada uma seu verdadeiro lugar na harmonia que tôdas devem constituir no conjunto. Do contrário, ver-se-á uma ou outra, exagerando sua importância, deformar o espírito que deve cultivar e produzir nele uma hipertrofia que uma boa cultura científica, assim como uma boa cultura geral, deve eliminar. Com efeito, não se poderá fixar o programa de um aperfeiçoamento ideal do espírito humano sem se levar em conta uma exata classificação das ciências.

Os cientistas podem tirar proveito destas considerações, por que a especialização, a qual estão comumente volta-



Maquete do ante-projeto elaborado por um grupo de estudantes e professores da Faculdade de Arquitetura. (Maquete de Ruben Pilla).

## II CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA

Reuniu-se em Julho p.p. o II congresso Latino-Americano de Sociologia. Foi inaugurado no dia 10 no Rio, onde funcionou até dia 15, passando nessa data a São Paulo, onde terminou no dia 17. Estiveram presentes cerca de 150 delegados, representantes de quase todos os países da América do Sul e Central. O órgão que o promoveu foi a Associação Latino Americana de Sociologia, que tem como presidente o ilustre sociólogo professor Alfredo Povina. O temário desse conclave foi assim organizado:

### I. Sociologia Geral:

1. Teoria sociológica: a) o estudo atual da teoria sociológica; b) problemas de sociologia; c) teorias sociológicas dominantes nas diferentes nações latino americanas.
2. Metodologia sociológica: a) o estado atual do problema metodológico em sociologia; b) investigações sociológicas nas nações latino-americanas.
3. O ensino da Sociologia em cada nação latino-americana.

### II. Estrutura Social:

4. Estrutura do grupo familiar e sistemas de parentesco: a) em sociedades pré-coloniais; b) coloniais; c) post-coloniais da América Latina.
5. Estrutura de comunidades: a) pré-letrados; b) rurais; c) urbanas; d) rural-urbanas.
6. Estruturas nacionais e regionais.
7. Estudo estrutural de instituições e grupos específicos.

### III. Contatos culturais:

8. Teorias e problemas de aculturação.
9. Relações técnicas, culturais e sociais nos países latino-americanos.

### IV. Problemas sociais e sociologia aplicada:

10. Conceito do problema social e critérios de identificação.

11. Mudança e desorganização social.

12. Contribuição da Sociologia para a solução dos problemas sociais.

Transcrevemos a seguir algumas das conclusões desse Congresso.

1. Incentivar a preparação e publicar uma obra coletiva sob o título — «Sociologia latino-americana» — escrita por sociólogos de nossa América que, ao lado do aspecto histórico, mostre a realidade sociológica em cada nação do continente;

2. Criar um «Centro de Intercâmbio» permanente para a Divisão de informações e notícias de caráter sociológico;

3. Recomendar aos professores de Sociologia de todo continente, a remessa dos seus programas de ensino à Sociedade Latino-Americana de Sociologia, para conhecimento de todos os seus associados;

4. Criar um Departamento de Ciências Sociais do qual faça sempre parte a cadeira de sociologia, no currículo das escolas das forças armadas em toda as nações americanas;

5. Estabelecer um Departamento de Sociologia Rural para a América Latina, sob as vistas da A.L.A.S.;

6. Instalar um Instituto sociográfico da América Latina em La Paz, também sob a supervisão da A.L.A.S.;

7. Fundar cátedras de Sociologia para serem ministradas obrigatoriamente nos cursos secundários, em todos os países latino-americanos;

8. Recomendar a observação e o estudo dos comportamentos sociais, com o fim de buscar vencer a fatalidade do meio físico, em benefício da civilização e do bem estar humano;

9. Encarecer a necessidade da criação de Institutos de Sociologia da vida industrial;

10. Aconselhar para os futuros Congressos de Sociologia, a adoção de sistemas de comunicações diretas, de simpósios e de seminários, ao invés de processo de exames, aprovação ou condenação de teses.

# Movimento Universitário

## C. A. DA FACULDADE DE ARQUITETURA

A «caçula» da Universidade do Estado, vem desenvolvendo grandes atividades no setor do ensino e cultura de nossa terra. Entre as iniciativas de maior revêlo, para o corrente ano, cumpre destacar:

- Curso de Sociologia, a ser ministrado, no 2.º semestre, pelo prof. Laudelino Medeiros.
- Curso de Fotografia, recentemente inaugurado.
- Trabalho premiado na cadeira de Composição Decorativa, constando de um «Monumento aos mortos do C.P.O. R.», realizado pelos alunos Carlos Mancuso e Cláudio Gomes de Araujo.
- Prédio para a Faculdade de Arquitetura, cuja maquete apresentamos ao lado.

## FEDERACAO DOS DD. AA. DAS FACULDADES E ESCOLAS SUPERIORES CATOLICAS DO BRASIL

Realizou-se na cidade de Goiânia, de 26 a 31 do mês p. p., a III Assembléia Nacional da entidade mater dos estudantes das Faculdades Católicas do Brasil. O temário desse conclave esteve assim distribuído pelas Mesas-redondas.

- Situação Social e econômica do estudante.
- O estudante Católico em face dos problemas nacionais e Internacionais.
- Situação do estudante em face dos problemas do ensino.
- Estudos Gerais.

No próximo número de UNIVERSITAS faremos uma reportagem completa sobre esse Congresso.

## C. A. S. TOMAS DE AQUINO (FILOSOFIA — PUC)

O C. A. S. T. A. tem levado a efeito uma série de realizações de grande valor para a vida cultural e social da Faculdade. Dentre estas atividades destacamos, no ano passado, a gravação das conferências do Cônego Derisi e a instituição da missa do universitário, que se realiza aos domingos, às 8,30, na PUC.

Cumpre salientar, entre os trabalhos realizados pelo CASTA, a sua colaboração na Campanha de auxílio aos flagelados nordestinos, reunindo a quantia de aproximadamente Cr\$ 5.000,00.

O departamento social tem promovido churrascos de confraternização entre os acadêmicos e está lutando pela fundação de um clube universitário.

## C. A. TASSO CORREIA

1. O C. A. T. C. terá suas atividades sociais interrompidas dentro do Instituto, por motivo de reforma do prédio.
2. Trata-se da reforma dos estatutos que estão sendo debatidos em assembleias gerais.
3. A 22 de abril comemorou-se o 45.º aniversário do I. B. A., com um jantar para professores e alunos, no Renner.

## C. A. LEOPOLDO CORTEZ (Agronomia e Veterinária)

As atividades do C. A. L. C. estão evidenciando, mais uma vez, o dinamismo de seus membros, cujo interesse está agora voltado para a construção do Restaurante dos alunos da Escola, a quem o Centro já garantiu o transporte gratuito.

A direção da Escola iniciou a construção de um Hospital de Clínicas, realização esta para a qual o C. A. L. C. envidou os maiores esforços.

O departamento esportivo iniciou já a construção das obras do novo estádio.

## CURSO DE ESPERANTO

Patrocinado pelo D. E. C. da PUCRGS, em colaboração com a Sociedade Esperantista de P. Alegre, está sendo ministrado pelo Samideano Ivo Sanguinetti, mais um Curso do Idioma-Neutro-Internacional, o Esperanto, cujas aulas estão para encerrar-se no fim deste mês.

LEIA, ASSINE E PROPAGUE

# Revista IDADE NOVA